

ENTREVISTA

Jacques Jangoux O fotógrafo documental por trás das suas lentes

Por Revista Terceira Margem Amazônia

Diego Pérez Ojeda del Arco¹
Mauro André Costa Castro²

Durante o mês de agosto de 2018 a cidade de Belém-PA teve a sorte de ser a sede do 16º Congresso da Sociedade Internacional de Etnobiologia, o qual foi palco de diversas discussões que giraram em torno à importância do estudo e da preservação da sociobiodiversidade.

Foram diversas as Sessões Temáticas, Grupos de Trabalho, e espaços de debate onde pesquisadores de mais de quarenta países puderam compartilhar seus trabalhos. Numa destas sessões, os antropólogos Eglee L. Zent e Stanford Zent³ apresentaram o livro titulado: “*Nĭ JOTĭ AIYE: JKYO JKWAINĭ. Libro comunitario Jotĭ: historia, territorio y vida*” 20 anos de trabalho junto com os indígenas Jotĭ da Venezuela.

Dita apresentação foi coroada pela inesperada presença do fotógrafo belga **Jacques Jangoux**, quem trouxe junto consigo dezenas das fotografias originais que guardava do encontro que tinha tido com os Jotĭ lá pelos anos de 1970-1971. As fotografias foram tiradas somente um ano depois de que aquele povo indígena, da região Guayana da Venezuela, tenha deixado o seu isolamento voluntário entrando em contato, de maneira oficial, com a sociedade ocidental.

E o surpreendente não foi somente as impressionantes fotografias que conseguiram transportar ao público para um outro tempo, que nos parece cada vez mais distante a cada dia que passa. Se não que a plateia do auditório ficou também submergida na própria fala de Jacques, quem ao olhar para as suas fotos conseguiu relatar também, em um português afrancesado, as micro-histórias contidas por trás de cada uma delas:

visto uma fotografia antes, mas

foto foi tirada em 1973, depois de duas semanas de caminhada pela mata fechada, seguindo os

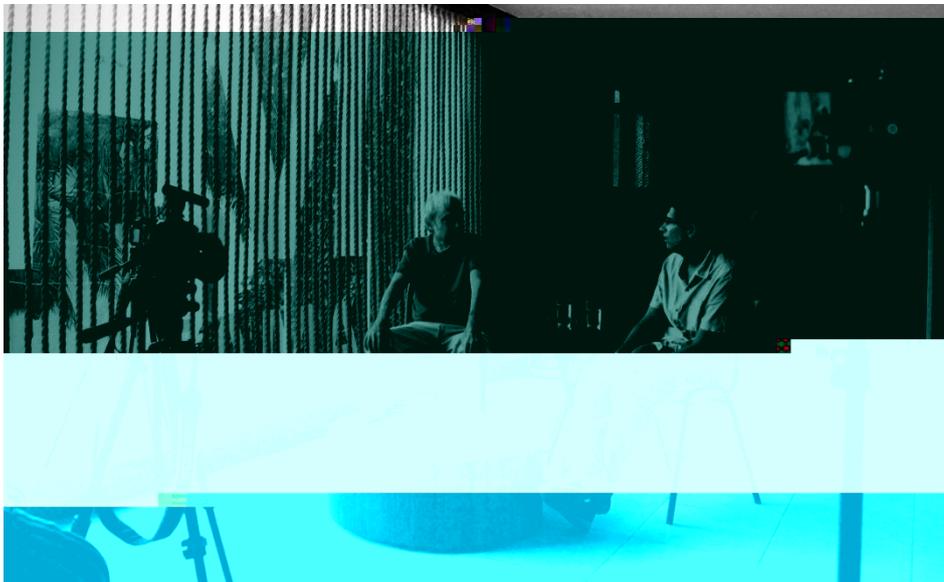
¹ Bacharel em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF); mestrando em antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia/Universidade Federal do Pará (PPGA/UFPA). E-mail: diegoperezojedadelarco@gmail.com.

² Especialista em Unidades de Conservação e Áreas Protegidas- NAEA/UFPA. Mestre em Agriculturas Amazônicas e Desenvolvimento Sustentável pelo Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares/Universidade Federal do Pará (INEAF/UFPA). E-mail: mauroandrec@gmail.com.

³ Para conhecer mais sobre a pesquisa dos antropólogos, ver: <https://ivic.academia.edu/Zent>.

Mas quem é verdadeiramente Jacques Jangoux? Provavelmente a resposta a essa pergunta se encontra nas viagens que ele fez, nos caminhos que percorreu, nas pessoas com as quais compartilhou, e nas fotos com as que conseguiu capturar não só momentos, mas também parte da sua própria essência. Ele mesmo conta, no seu blog pessoal⁴, que desde que, em seu 16º aniversário, ganhou a sua primeira câmera, uma máquina alemã Leica F III, não parou de fotografar. Através das suas lentes se perpetuaram para sempre os ciganos dos subúrbios de Bruxelas, os músicos de jazz dos bares mais frequentados da cidade, as mais importantes corridas automobilísticas do momento, o dia a dia dos Libinza do então Zaire, os Jotí da Venezuela, os indígenas maias da América Central e os descendentes da civilização andina na Cordilheira dos Andes do Peru, entre muitos outros momentos, paisagens e pessoas.

Assim, aproveitando que há algumas décadas se instalou na cidade de Belém/PA, pretendemos, por meio de uma entrevista livre, conhecer ao *verdadeiro* Jacques, e aprofundar dessa maneira nas suas próprias memórias, discutindo principalmente o seu passo pelo Brasil e a sua imersão na floresta amazônica, que lhe deu a oportunidade de manter contato com os povos da floresta, aos que conseguiu ver e registrar através do mundo que a sua lente fotográfica carregava consigo.



Entrevista com Jacques Jangoux, Belém, maio de 2019.

Revista Terceira Margem (RTM) A gente sabe que você nasceu em Bruxelas, na Bélgica, e queríamos que você pudesse começar a entrevista contando um pouco sobre como foram

⁴ Para quem tiver interesse em conhecer mais sobre a história e trabalho de Jacques Jangoux pode acessar a seu blog pessoal: <https://jacquesjangoux.wordpress.com/>.

os seus primeiros dias naquele país, como foi a sua infância, quais foram as suas primeiras lembranças.

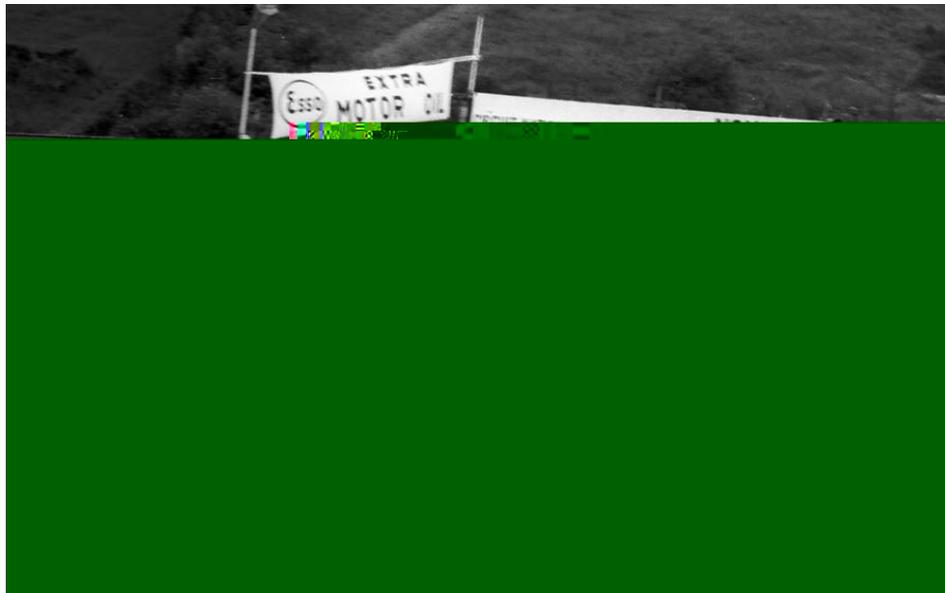
Jacques Jangoux As minhas primeiras lembranças foram da Segunda Guerra Mundial, porque lembro de ter visto um bombardeiro americano cortado pela metade num ataque alemão. E lembro também de ter visto a tripulação dos aviões caindo de paraquedas.

RTM Você nasceu em que ano?

Jacques Jangoux Eu nasci em 1938, era ainda criança quando aconteceu a invasão alemã. Lembro do dia em que os alemães fugiram de Bruxelas em carroças e carros velhos. E lembro, não sei se foi o mesmo dia ou no dia seguinte, da chegada dos tanques aliados. Eu pensava que eram americanos, mas por informações que pude revisar posteriormente parece que eram ingleses ou canadenses. Eu lembro que subi num dos tanques para abraçar a tripulação.

RTM E foi durante a sua infância o seu primeiro contato com a fotografia?

Jacques Jangoux Não, não, digamos que tive a minha primeira câmera quando tinha dezesseis anos, e foi com ela que fui no Grande Prêmio da Bélgica em 1954, onde tirei algumas fotos desde a arquibancada. Já muito tempo depois eu fotografei como profissional importantes corridas automobilísticas.



Na foto, o italiano Giuseppe Farina e o argentino Juan Manuel Fangio, ano 1954.

RTM A gente viu que outras das suas primeiras fotos com essa câmera, se não estamos enganados era uma Leica F III, eram retratos de ciganos.

Jacques Jangoux Sim, tinham ciganos nômades que cada ano vinham acampar perto da casa dos meus pais. Eu tenho algumas fotos deles no meu blog, foram minhas primeiras fotos antropológicas. Tinha um professor de latim que era estudioso dos ciganos, falava a língua deles,

conhecia o sânscrito⁵ também, e ele me estimulava a aprender mais sobre eles, só que meu pai era totalmente contra.

Eu queria estudar antropologia, que na época se chamava etnologia, mas meu pai queria

Para ele, cultura era a cultura dos gregos antigos, a cultura ocidental e letrada.



Diego Pérez Ojeda del Arco; Mauro André Costa Castro

TM E você chegou a estudar antropologia ou etnologia na universidade?

Jacques Jangoux Não tinha faculdade de antropologia na universidade de Bruxelas naquela época. Então deveria ter ido à Paris para estudar o estruturalismo, mesmo que agora não é mais a linha predominante dentro da antropologia. Finalmente, por falta de opções decidi estudar botânica, porque eu sempre gostei de plantas e de natureza, mas estudei sem muito entusiasmo. No primeiro ano eu cumpri com as matérias, mas no segundo ano, quase não assisti as aulas,

⁵ Nome de uma língua antiga que foi utilizada na Índia. A história do sânscrito divide-se em dois períodos. O antigo sânscrito é a língua em que foram escritos os Vedas, livros sagrados dos hindus. Em: <https://www.dicio.com.br/sanscrito/>.

porque perto da universidade tinha um parque imenso, quase um bosque, e tinha um lago no centro, com barquinhos de remo, então passei quase o ano todo com amigos nesse parque. Então no momento das provas, no final do ano, eu disse para meus pais que não iria fazer as provas porque não tinha estudado nada. Aí meu pai me disse que se eu não fizesse as provas, eu teria que fazer o serviço militar. Ele não esperava a minha resposta, posto que eu falei que iria fazer o serviço militar, e ainda com os paraquedistas, que tinham a reputação de serem os mais rudes das forças armadas, o que em parte era verdade.

RTM E fazer o serviço militar significava necessariamente ser destacado no Congo?

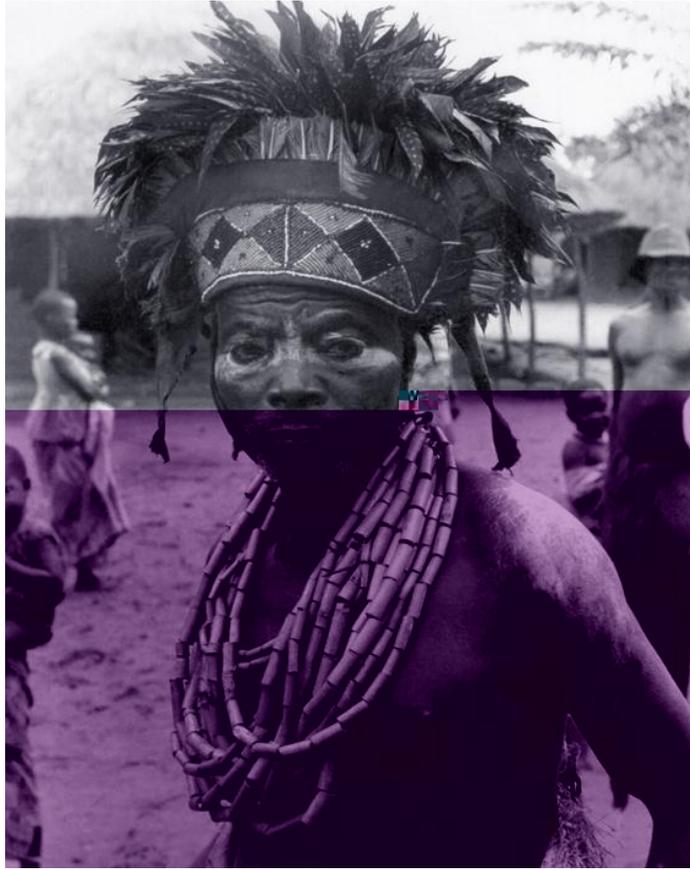
Jacques Jangoux Sim, pois eram os paraquedistas que iam para o Congo. Assim, aproveitei para poder viajar na África pela primeira vez. Dentro da tropa tinha um grupo que respeitava aos congoleses, onde estava incluído o tenente que comandava a minha unidade. Além disso, tinha um grupo indiferente que fazia o serviço militar por obrigação, mas também tinha um grupo que não gostava dos congoleses, lembro que tinha um cara que dizia que realmente odiava aos negros, mesmo tendo nascido no Congo e passado a juventude dele lá. Um dia em que ele foi patrulhar sozinho no Jeep, ele matou um congolês, segundo ele em legítima defesa, mas ninguém acreditou.

Depois de um tempo lá, a gente ia ser repatriado para a Bélgica, mas eu queria ficar no Congo para viajar, então por acaso fiquei doente. Aí no hospital, eu tinha um termômetro, e se você bate um pouco no mercúrio faz o mercúrio subir, então quando o enfermeiro colocava o termômetro e saía, eu fazia subir a temperatura de propósito. Por causa disso os médicos não tinham ideia do que eu tinha, e o dia em que chegou a documentação que me autorizava ficar no Congo, imediatamente a minha febre caiu.

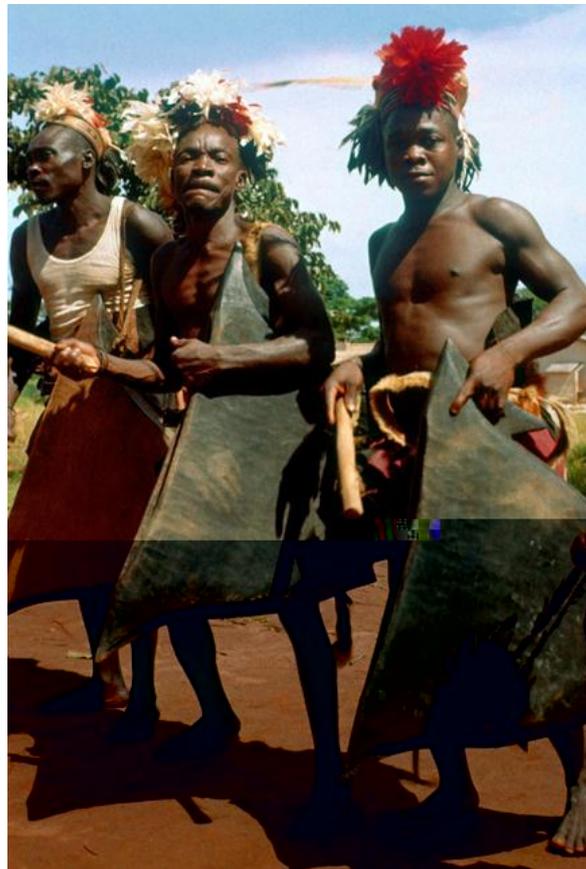
Ao chegar de volta no quartel, o tenente que simpatizava com os africanos deu uma gargalhada quando me viu chegar, porque me conhecia muito bem, e aí foi que comecei a viajar de carona. Fui para os pontos turísticos conhecidos, alguns parques nacionais, e inclusive cheguei até os montes Ruwenzori⁶, não até em cima, mas até a base dos glaciares, e até peguei uma tempestade de neve abaixo da linha do Equador.

Então foi assim que fiquei até o dia da independência do Congo, dia 30 de julho de 1960. Para aquela data especial, escolhi uma cidadezinha bem no centro do país para ir, onde teve uma festa que comemorava a independência. Tenho também um filme de 8mm daquele dia, que nunca mais vi, porque ainda não digitalizei.

⁶ Cordilheira da África Central, situada na fronteira entre o Uganda e a República Democrática do Congo, com elevações que atingem os 5109 metros. Os pontos mais altos encontram-se permanentemente cobertos de neve, sendo conjuntamente com os montes Kilimanjaro e Quênia os únicos da África com tal característica.



Adivinho em Katanga, República Democrática do Congo, ano 1960.



Celebração da independência, República Democrática do Congo, ano 1960.



Celebração da independência, República Democrática do Congo, ano 1960.

RTM Não era perigoso para um Belga ficar no Congo pós independência?

Jacques Jangoux Bom, os problemas surgiram alguns dias depois, porque a província do Katanga, que é a província rica em minerais, resolveu se separar do Congo, e o governo do Congo reagiu. Na verdade, não lembro agora exatamente a ordem cronológica dos acontecimentos, mas eu cheguei a viver uma revolta contra os belgas. Aí, eu voltei imediatamente para a cidade de Stanleyville, atualmente Kisangani, mas infelizmente, quando eu saí do exército levei comigo algumas roupas militares, porque eram boas para andar na mata. Só que estava no carro de um amigo e os soldados pararam o carro, revistaram a minha mala, e acharam essas roupas militares.

Imediatamente me pegaram, me levaram ao quartel, e o comandante do quartel colocou seu revólver na minha cabeça e fez a sinal da cruz; depois retirou a arma, mas continuaram me questionando até que novamente, desta vez três soldados, puseram seus revólveres na minha cabeça. Não atiraram, me levaram para o governador civil da polícia e eu pude mostrar minhas anotações para ele, com o qual demostrei que era turista, e por causa disso me enviaram para uma cadeia civil. Mas ainda existia a possibilidade de que os soldados chegassem a me fuzilar.

Antes da independência tinha parte da cadeia para brancos, que tinham comida feita nos restaurantes da cidade, e parte da cadeia para negros, que tinham comida feita na cadeia, além disso, os negros lavavam a roupa dos brancos. O que me surpreendeu foi que, mesmo após a independência do país, o tratamento dentro da cadeia continuou o mesmo. Também, o primeiro ministro, que foi um dos líderes da independência, Patrice Lumumba, tinha sido preso nessa mesma cadeia, e o diretor da cadeia veio me mostrar com orgulho que a cela do lado da minha

Tive a visita do chefe do departamento de cadeias da Cruz Vermelha Internacional, que foi o mesmo que, tempos depois ajudou a melhorar as condições de Nelson Mandela na África do Sul. Foi ele quem conseguiu me tirar da cadeia, e não me largou nem um momento desde que a gente pegou o avião de Stanleyville para Léopoldville, agora Kinshasa, e ficou no aeroporto até ver decolar o avião que me levava para a Bélgica. Realmente a Cruz Vermelha me salvou a vida.

RTM E qual era o trato que os soldados belgas recebiam ao voltar à Bélgica? Tinha muita discriminação como aconteceu com os soldados que lutaram no Vietnã e voltaram aos Estados Unidos?

Jacques Jangoux Não, a Bélgica tinha, e ainda tem acho, a mentalidade colonialista, então os soldados eram bem recebidos. Inclusive, aqueles soldados que tinham servido no Congo foram procurados para voltar no Congo para lutar contra a insurgência. Eu fui me apresentar, mas por causa da minha prisão no Congo e do tratamento que ali tive, o Comandante que viu meu caso me dispensou de ir. O que realmente foi um alívio, porque naquela ocasião, sim, teria que ter lutado contra os congolese. Naquele tempo, na verdade, não estava muito bem informado sobre o que estava certo e o que estava errado, só anos depois se começou a saber algumas coisas, como tudo o que estava envolvido no caso do assassinato de Lumumba.

RTM E nesses anos na Bélgica o que você fez?

Jacques Jangoux Eu decidi continuar meus estudos de botânica, e depois de dois anos fui fazer um trabalho final, do que aqui em Brasil viria a ser o bacharelado, sobre as savanas na República do Alto Volta, hoje em dia Burkina Faso. Depois de terminar a minha coleta de dados, viajei ao norte da Burkina Faso, fui de camelo com um guia, os dois num mesmo camelo, porque ainda não sabia conduzir meu camelo, até o Níger, e daí fiz uma pequena incursão no Saara, aproveitando o transporte de uma companhia de mineração, e depois voltei à Bélgica para terminar meus estudos.



Música e dança tradicional africana, Burkina Faso, ano 1962.



Jovem nômade Funali na região Sahel da África, Níger, ano 1962.

Depois de terminar, não esperei para receber meu diploma e fui viajar. Primeiro para Costa Rica com um vulcanólogo, mas não me dei bem com ele, então a gente se separou e fui para Guatemala, onde estive principalmente andando nas montanhas de povoado em povoado.



Mulher Maya na Guatemala, ano 1964.

Acho que no primeiro povoado fiquei na missão católica, mas depois fiquei com os indígenas guatemaltecos. Ia ser empregado por um arqueólogo francês para ajudar ele nas suas pesquisas, mas peguei uma hepatite A, então tive que cancelar esse trabalho. Fiquei algum tempo num hospital na Guatemala, e depois, como tinha um amigo em Los Angeles, fui me recuperar lá. Estudei um semestre na UCLA⁷, um curso de antropologia, um curso de linguística e um de filme documental.

Naquele tempo consegui um trabalho numa pequena produtora de desenhos em Hollywood. Como a produtora ficava do lado do Sports Car Club de Califórnia, soube de uma série de corridas no Canadá e nos Estados Unidos, e consegui convencer meu chefe para que me

⁷ Universidade da Califórnia em Los Angeles.

enviasse para fotografar essas corridas.

RTM Voltou a fotografar corrida de carros então ne? Porque na Bélgica já tinha fotografado algumas.

Jacques Jangoux Bom, na Bélgica só fotografei uma, o Grand Prix da Bélgica em 1955, mas foi da arquibancada, eu era parte do público. Daquela vez, em 1966, já foi mais profissional, fotografei uma série de corridas da Canadian American Challenge Cup. Tinham muitos pilotos conhecidos, os quais eram muito amáveis, acho que o ambiente no mundo das corridas era muito melhor antigamente, agora tem muita rivalidade entre pilotos e entre equipes. Antigamente uma equipe podia emprestar ferramentas para outra, eu tenho fotos de Jim Clark e Jackie Stewart que eram de times diferentes, conversando e com certeza trocavam informações sobre como tomar uma curva, coisas que agora seria extremamente proibido.



Piloto Lorenzo Bandini da Fórmula 1, no Grand Prix de Mônaco em 1967.



Pilotos escoceses da Fórmula 1, Jim Clark e Jackie Stewart, ano 1967.

RTM Agora, analisando as datas do período em que você trabalhou tirando fotos das corridas automobilísticas, é interessante observar como naqueles mesmos anos você também fez trabalho de campo no Congo e na América Latina.

Jacques Jangoux Sim, eu comecei com as corridas de carros em 1966, a última foi em 1971. Por outro lado, comecei a fotografar povos indígenas na Amazônia venezuelana em 1970. No ano anterior tinha feito uma viagem no Chile, Colômbia, República Dominicana e na Venezuela. Ali, um antropólogo que conheci na UCLA me disse que ainda existia um grupo de indígenas isolados, mas não se sabia o verdadeiro nome deles, tinham vários nomes. Aquele povo tinha sim alguns contatos com outros povos indígenas que eram conhecidos com os Eñepa. Acredito que existiam esses contatos, pois eram os Joti que controlavam a região onde crescia um tipo de bambu específico, com o qual se faz o tubo interno das zarabatanas. O tubo externo me parece que se faz com madeira de pupunha. Então existiam intercâmbios entre grupos étnicos, que trocavam zarabatanas por dardos, entre outras coisas.



Na foto, indígena Jotĩ que morava com os Eñepa, ano 1971.

RTM E como é que você se sentia com essa mudança tão drástica entre estar, num mês fotografando as corridas mais importantes do automobilismo mundial, e no outro mês, estar fotografando povos indígenas no interior da floresta amazônica?

Jacques Jangoux Uma das coisas que lembro é que no final do meu primeiro contato, em 1970, com os povos indígenas venezuelanos, já no final de uma viagem que durou 7 dias subindo e descendo a mata sem parar, eu fiquei tão suado que torcia minha camisa e saía água com cheiro de amoníaco, estavam se decompondo todas as minhas proteínas. A volta daquela primeira viagem foi em abril, porque eu já tinha me comprometido a fotografar o Grand Prix de Mônaco em maio, e aí, nas curvas da trilha no meio da floresta amazônica eu pensava que estava numa curva de Mônaco.

A trilha era muito dura porque naquela época não tinham equipamentos bons, e a verdade é que eu também não estava suficientemente treinado. No ano seguinte eu treinei subindo e descendo um morro que tinha atrás da casa onde estava hospedado em Caracas, para assim fortalecer os músculos.

RTM Como foi a sua primeira viagem para encontrar os Jotĩ?

Jacques Jangoux A primeira viagem foi em 1970 com um guia Eñepa, Domingo. Tinham dois grupos Eñepa que ficavam no caminho que tínhamos que seguir para encontrar os Jotĩ. Eu cheguei a visitar o primeiro daqueles grupos intermédios, ao qual chegamos depois de caminhar 3 ou 4 dias, e depois de continuar o caminho fiquei também com o outro grupo Eñepa, que esse sim, tinha contatos ocasionais mais frequentes com os Jotĩ. Inclusive tinha um Jotĩ que morava com aquele grupo Eñepa, tendo se casado com uma das mulheres dali. Numa conversa

recente com o antropólogo Stanford Zent, que junto com Eglee Zent estudam os Jotĩ há mais de vinte anos, me disse que aquele Jotĩ se tornou um dos líderes daquele grupo, o qual posteriormente se dividiu em dois, sendo ele o líder de um daqueles novos grupos.

Os Eñepa, que são caribes, na frente dos Jotĩ apresentavam um comportamento dominante, só que eles tinham um temor dos xamãs Jotĩ. Os xamãs Jotĩ tinham uma reputação muito forte.

Lá com os Jotĩ eu fiquei com um grupo específico, que digamos tinha dois líderes, um mais velho e outro mais novo. Por exemplo, quando um grupo de homens matou um tamanduá, eles entregaram a carne para o velho e foi ele quem cortou e repartiu a carne. Mas para as atividades mais físicas, quem destacava era a liderança jovem.

A uma hora do lugar onde eu estava ficando, morava uma velha xamã Jotĩ, a quem fomos visitar. Ela me deu uma cuia cheia de frutos, e depois, um dos acompanhantes com os quais tinha ido, me indicou para que eu ficasse fora da casa enquanto ele entrava para falar com a xamã.



Velha xamã Jotĩ, ano 1971.

No momento do meu retorno, quando eles me devolveram aos Eñepa, porque depois os Eñepa iam me deixar num ponto combinado onde um helicóptero ia me pegar, um dos Joti fez uma cura para uma mulher Eñepa. Então todos são um pouco xamães, mas aquela velha da qual falei, tinha uma reputação muito grande. Eglee Zent mostrou uma das minhas fotos dela para os Jotis atuais e os velhos confirmaram que tinham conhecido ela, dizendo que era muito poderosa.

Aliás, irão ter várias fotos minhas no livro *“NĪ JOTĪ AIYE: JKYO JKWAINĪ. Libro comunitario Joti: história, territorio y vida* Joti em aliança com Eglee e Stanford Zent. As minhas fotos servirão como referência para que os velhos possam contar quem eram essas pessoas, como era aquele tempo, etc.



Mãe e filho descansando em acampamento Joti, ano 1970.

Outra das lembranças que tenho com os Joti, e que gostaria de compartilhar, é de um dia em que os caçadores saíram cedo para caçar, porém, como eu não estava pronto, não consegui sair com eles. Por isso resolvi ir sozinho na mata para fotografar flores, mas depois chegou um Joti e me deu a entender que tinha que seguir ele; caminhamos e chegamos ao lugar aonde estavam dois tamanduás que tinham acabado de caçar. Naquele momento eles apontaram para a minha câmera e, apontando depois para os tamanduás, me indicaram que tirasse fotos. Isso foi incrível porque eles nunca antes tinham visto uma câmera fotográfica, mas entendiam que eu estava, de alguma maneira, registrando aqueles momentos. Para mim isso foi uma grande satisfação porque era a prova de que eles me aceitavam como era, aceitava que eu fazia. Esse foi um dia especial, e ainda é uma lembrança muito boa.



Caça Jotĩ de dois tamanduás, ano 1971.

RTM E isso fazia parte também da própria comunicação que era estabelecida com eles. Como se chegavam a certos entendimentos já que você não falava a língua dos Jotĩs, nem as línguas dos outros povos que você visitou?

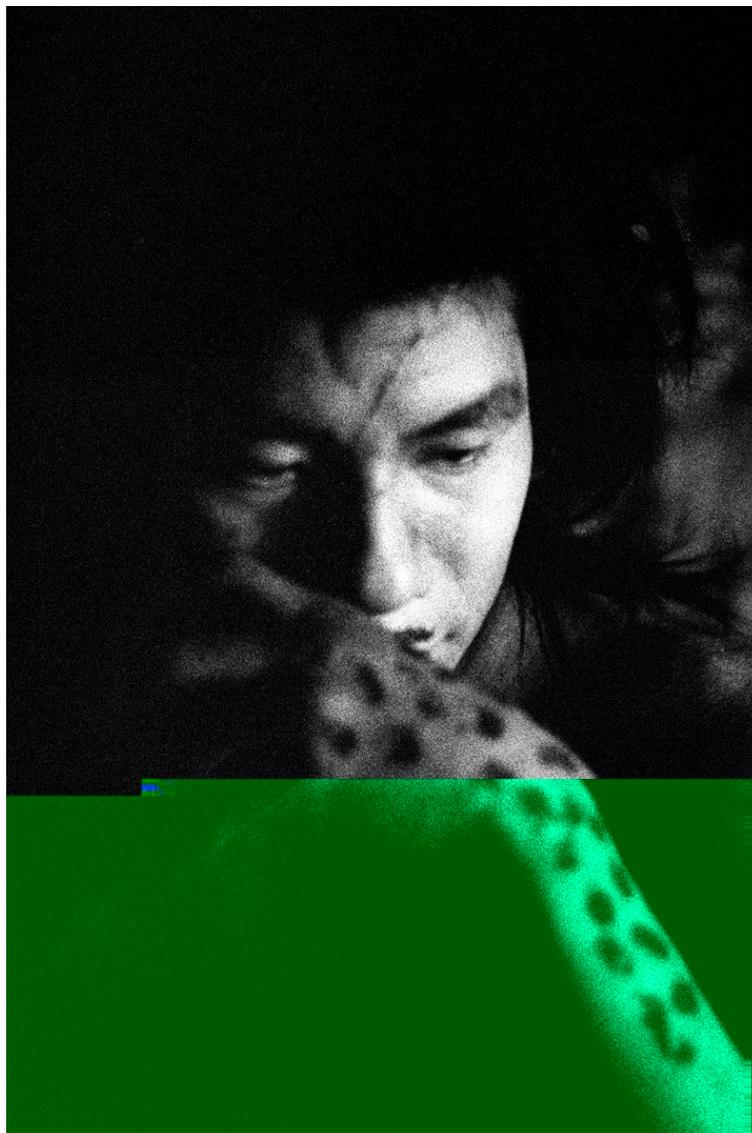
Jacques Jangoux Eu sempre gostei de viajar sozinho; sempre que viajei com um antropólogo ou com alguma outra pessoa não deu muito certo. Acredito que quando se está perto

conseguiram encontrar a forma de trabalhar juntos.

RTM Jacques, a gente vê que você fotografou muito, aos Jotĩ inclusive, em preto e branco, mas também fotografou em cores. Como é que você escolhia isso?

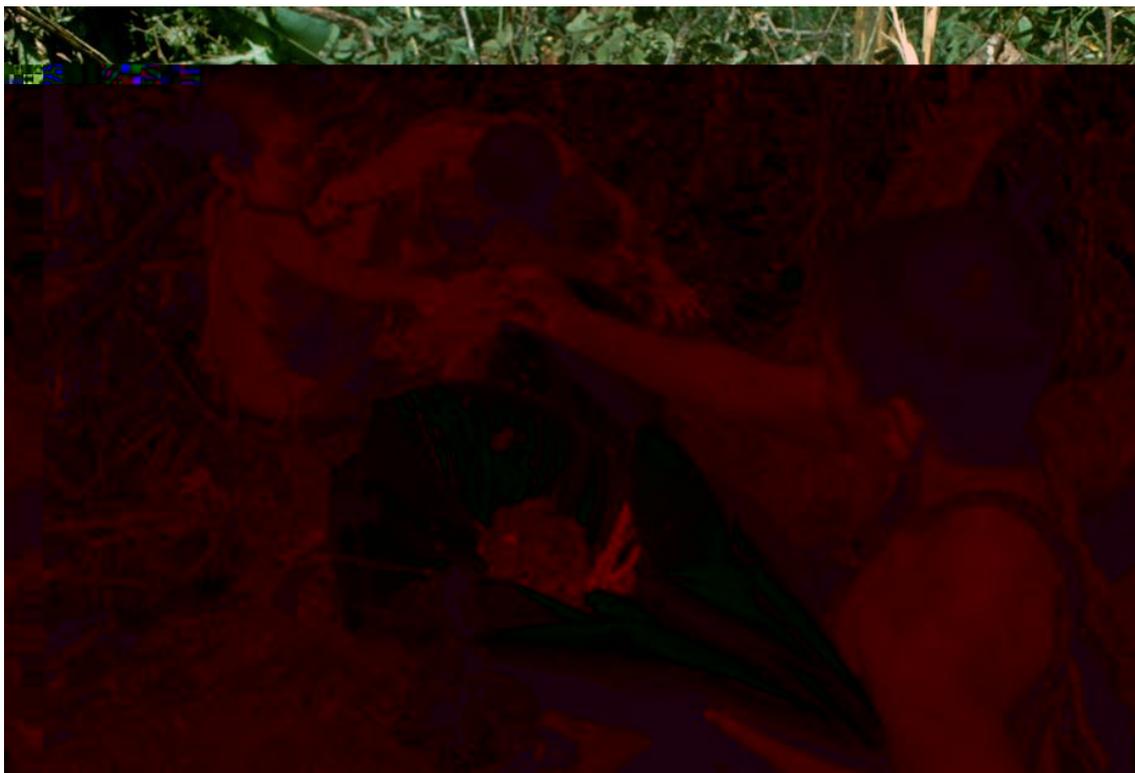
Jacques Jangoux Eu sempre viajava com várias câmeras, duas ou três. Algumas delas tinham filme colorido e outras em preto e branco. Eu fazia isso principalmente por razões comerciais, para poder atender aos dois mercados. Bem que essas fotos nunca venderam muito,

pois cultura indígena interessa a muita pouca gente. Na época até tinha algum interesse, mas hoje



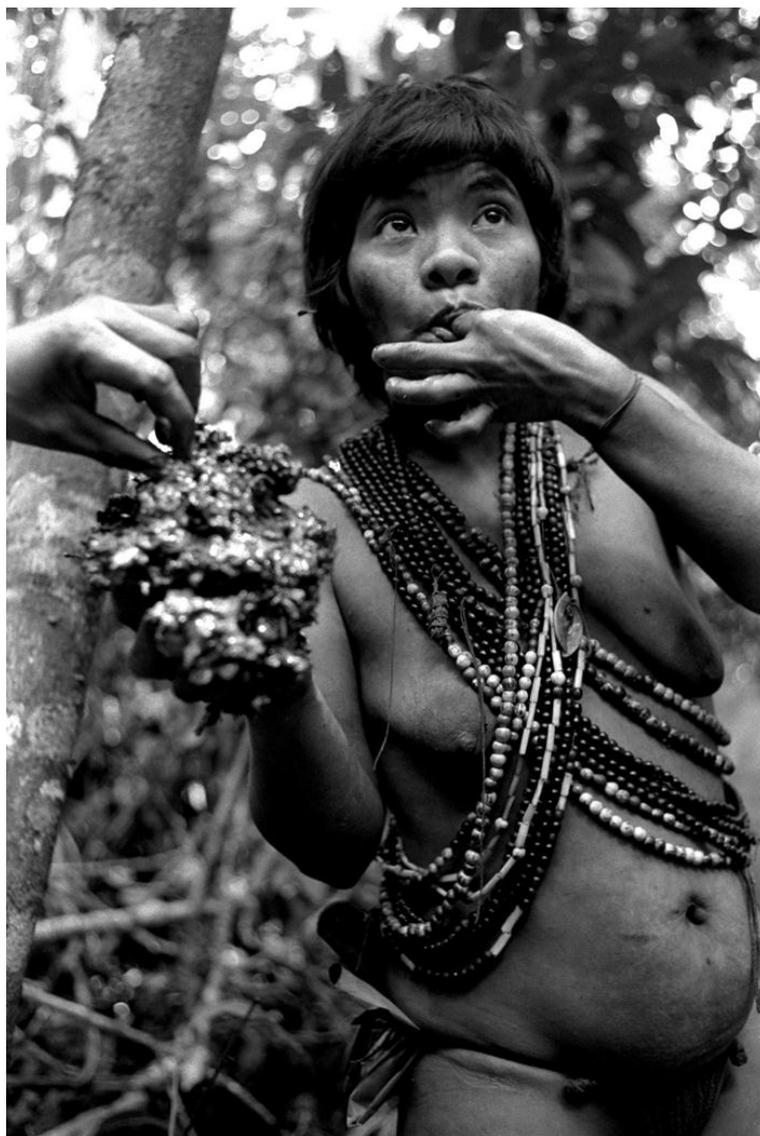
Jovem Jotĩ, ano 1971.

Mas eu nunca procurei essas fotos, eu fotografava o dia a dia, as atividades cotidianas, eu não caçava fotos, e sim esperava que as coisas acontecessem. Quando fotografei a coleta de mel dos Jotĩ, eu comia junto com eles, lambendo meus dedos assim como eles; com a coleta de frutas igual, que foram os mesmos frutos que aquela velha me deu para eu comer; também quando eles derrubavam a árvore, eu ajudava a coletar os frutos. Obviamente nunca tentei copiar o que eles faziam, como certos antropólogos fazem, tentando identificar-se como indígenas. Eu nunca fiz isso, sempre me entendi como um estrangeiro que tentava se adaptar e identificar os costumes próprias daquele grupo, aprender junto com eles sem nunca tentar me identificar, pois seria uma coisa muito falsa.



Coleta de mel Joti, ano 1971.

Por mais que eu saiba que as minhas fotos iam para um mercado ocidental, eu sempre tentei fotografar ações verdadeiras, o que eles realmente faziam. Eu nunca pedi a ninguém para posar ou interpretar uma ação. Quando na foto alguém está sorrindo é porque assim foi a reação da pessoa, mas não é nada armado.



Coleta de mel Jotĩ, ano 1971.

RTM Inclusive no Brasil tem fotógrafos muito bons e muito famosos que têm recebido algumas críticas ao fotografar povos indígenas, é uma crítica que têm feito muito a Sebastião Salgado, por exemplo.

Jacques Jangoux Eu gosto muito de Sebastião Salgado, é um fotógrafo sensacional, mas discordo de algumas das fotos dele. Tem outros fotógrafos, um inglês, Jimmy Nelson, que

estagiadas

isso que foi muito criticado, mas com certeza vendeu muito bem.

RTM Falando do mercado fotográfico então, você acha que o fotógrafo independente hoje em dia está preso a uma companhia, a um representante, como é que funciona isso?

Jacques Jangoux Bom, eu trabalhava com algumas agências, ainda trabalho com 2 ou 3, mas vendem muito pouco. Eu trabalhava com um agente que se aposentou há alguns anos, e

com certeza com uma fortuna. Realmente é melhor ser agente do que ser fotógrafo, a menos que seja um fotógrafo famoso como Salgado ou Nelson. Quer dizer, as suas fotos (de Jimmy Nelson) são muito bonitas esteticamente, mas fogem do tipo de fotografia que eu realizo, que eu chamaria o estético. Eu geralmente não penso na composição, eu sinto quando a composição é boa, mas si tem um elemento importante que atrapalha a composição, vou dar prioridade àquele elemento importante antropológica ou ecologicamente. Prefiro uma foto não muito boa que passe a mensagem completa, do que uma foto muito boa que não transmita nada ou que seja simplesmente



Casa do grupo Jotĩ, intermediário comercial com os Eñepa, com o qual Jacques ficou em 1971.

Jacques Jangoux Tem umas fotos minhas em que mostro, por exemplo, umas crianças se divertindo, jogando lanças, tentando acertar uma espécie de aros em movimento que eram feitos

de cipós; dessa forma, não somente brincavam, mas também treinavam desde pequenos algumas habilidades fundamentais para a caça. E é interessante que nas sociedades mal chamadas de primitivas, as crianças desde os 2 anos já vão aprendendo atividades de adultos, você vê a crianças com facas na mão cortando coisas, enquanto que, em nossa sociedade, é impossível imaginar que uma mãe deixe uma criança de dois anos com uma faca. Então as crianças aprendem e se divertem ao mesmo tempo.



Crianças Joti brincando e aprendendo, ano 1971.



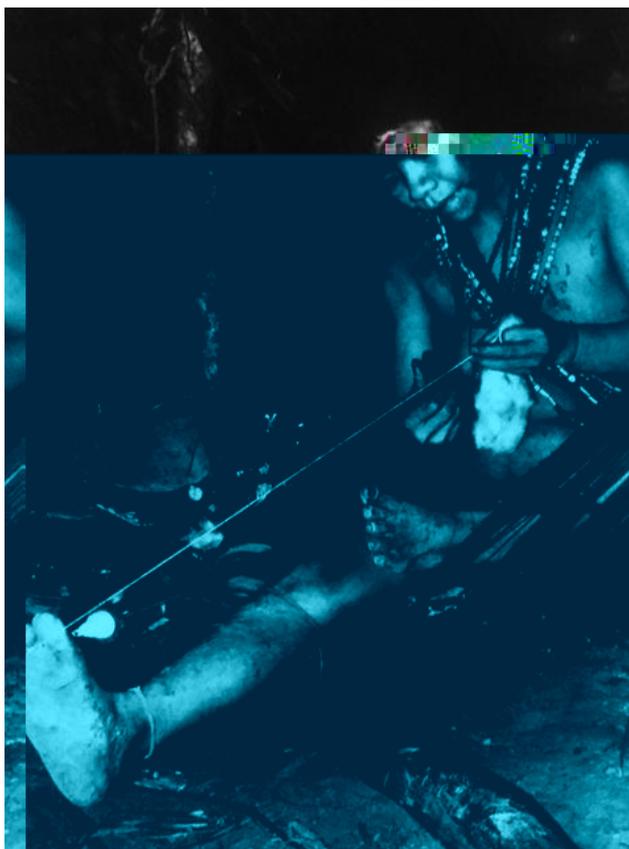
Coleta de algodão feita por crianças Joti, ano 1971.



Coleta de troncos feita por crianças Jotĩ, ano 1971.



Criança Jotĩ brincando em casa comunal, ano 1971.



Fiação de algodão feita por mulher Jotĩ, ano 1971.



Cozinhando ao interior de casa comunal, ano 1971.

Jacques Jangoux Em geral a vida gira em torno da realização do trabalho necessário para depois ter tempo para o lazer. Eles trabalham para poder se alimentar, para assegurar a sua subsistência, mas depois passam o dia tocando flauta ou fazendo alguma outra atividade de lazer.



Músico Joti tocando flauta feita com osso de veado, ano 1971.



Velho e criança, grupo vizinho ao da velha xamã, ano 1971.



Vida em um acampamento Jotí, ano 1971.



Jotĩ tocando flauta, ano 1971.

RTM Você sabe, por exemplo, de que material foi feita essa flauta?

Jacques Jangoux A flauta menor, que aparece na primeira foto, foi feita de osso de veado, a outra flauta me parece que foi feita com um tipo de bambu. No final da viagem troquei a flauta de osso de veado por uma faca, e agora a flauta está no American Museum of National History de Nova York.

RTM Uma coisa que surpreende é a sua capacidade de poder explicar a história que está por trás de cada foto.

Jacques Jangoux Sim, isso acontece especialmente com as fotos que tirei dos Jotĩ durante as viagens de 1970 e 1971. Mas tem algumas fotos e algumas viagens das quais eu não lembro nada, por uma ou outra razão, porque não deram certo ou porque não chegaram a me marcar. Da viagem com os Jotĩ tem momentos que lembro perfeitamente.

Por exemplo, lembro que antes da minha segunda viagem para encontrar os Jotĩ, tinha

mandado fazer em Caracas pontas de lança, nas viagens anteriores tinha desenhado o contorno de algumas pontas de lança, comprei em Caracas lâminas de aço e mandei fazer algumas pontas de lança. Então depois, numa oportunidade, ofereci uma ponta de lança e uma lima, e assinalei para eles algumas bananas que estavam ali, depois ele assinalou a minha mochila, eu enchi a minha mochila de bananas, e coloquei mais bananas em cima.



Casal Jotí viajando com seus pertences. Os Jotí são semi-nomadas. Apesar de ter uma (ou várias) casa permanente, eles se deslocam por períodos prolongados, ano 1971.

Na primeira viagem em 1970, quando fui a pé com meu guia Eñepa Domingo, porque em 1971 fui de helicóptero, ele me disse durante a caminhada, que 10 anos antes, em 1960, já tinha contatado aos Jotí com o arqueólogo José Maria Cruxent, um catalã nacionalizado venezuelano⁸. Eu cheguei a ver as notas de Cruxent, mas como não tinha uma máquina de xerox perto, não consegui tirar uma cópia. Acho que ele passou só pouco tempo com eles, mas ele foi o primeiro. E no Sul, provavelmente a 10 dias de caminhada ou para os Jotí, 5 ou 6 dias de caminhada, eles foram contatados em 1969 por missionários que deram roupas com a intenção de evangelizar, mas depois foram expulsos da Venezuela, não sei se antes ou depois da chegada de Chávez ao poder. Da mesma forma, 10 anos depois da minha primeira visita se instalou uma missão católica lá com missionárias colombianas, mas agora essa missão também não existe mais por causa dos

garimpeiros, militares, guerrilheiros colombianos do ELN⁹, que comandam o garimpo do Coltan¹⁰, um mineral que tem dois metais que se utilizam em artefatos eletrônicos, por isso tem muita demanda. A região baixa é completamente invadida por garimpeiros, e os Jotĩ das regiões baixas são utilizados como escravos para trabalhar no garimpo, os Jotĩ e os demais povos indígenas da região.



Caçadores com lanças e cachorro, ano 1971.

Diego Pérez Ojeda del Arco; Mauro André Costa Castro

⁹ Exército de Libertação Nacional.

¹⁰ Coltan é uma mistura de dois minerais: columbita e tantalita. Em português essa mistura recebe o nome columbita-tantalita.

RTM Mudando um pouco de assunto, sobre a evolução do equipamento fotográfico, já que isso é uma condição importante para o fotógrafo documental, você chegou a mudar do analógico para o digital ou sempre ficou no analógico?

Jacques Jangoux Bom, mudei, fiz uma viagem em Goiás só com a câmera digital, depois viajei também até o Rio Negro, e numa das embarcações de alumínio eu queria fotografar uma flor que ficava embaixo a uma árvore, aí eu terminei me desequilibrando e cai na água com a câmera digital. A lente ficou boa, mas a máquina não, depois eu comprei um modelo mais barato, mas fiquei desanimado. A câmera que perdi era uma Canon 60D, e a que agora tenho é uma T3i, uma pena porque só caiu um instante na água.

RTM Mas as câmeras analógicas podiam molhar um pouco e funcionavam igual?

Jacques Jangoux Uma vez na África, na Libéria, eu passei onze dias na mata e um dos guias liberianos, que me ajudava a carregar uma das minhas mochilas, caiu num pântano ao passar sobre um tronco de árvore que quebrou. Eu tinha 3 máquinas, a que passou mais tempo na água, não funcionou mais, mas eu tinha seguro e o seguro cobriu.

RTM Já terminando a entrevista, a gente queria te perguntar como é que você veio parar no Brasil?

Jacques Jangoux Meu primeiro trabalho no Brasil foi em 1976, para fotografar os Arawete. Tirei muitas fotos sobre xamanismo e sobre curas praticadas pelos indígenas. Naquela ocasião fotografei um ritual que durava cinco dias.

RTM Você ficou durante os cinco dias?

Jacques Jangoux Eu fiquei mais tempo, quase um mês talvez, mas não cheguei a ter a intimidade que tive com os Joti.

RTM Naquele tempo você dormia dentro da maloca com eles?

Jacques Jangoux Não, eu fiquei no posto da FUNAI. Dessa viagem eu não tenho tantas lembranças, porque além de mim tinha uma antropóloga, eu não estava dormindo junto com eles, nem participando da vida deles. Então o resultado foram fotos distintas, você viu que nas fotos em que aparecem os Joti, eles estão conversando, rindo, e já nas fotos com os Arawete não aparece tanto essa naturalidade. Porém, de qualquer forma, eu pude registrar muitos rituais, como a foto de um xamã cantando e fumando tabaco, enquanto as mulheres estão preparando a comida sagrada para a cerimônia, algumas fotos em que as pessoas começam a entrar em transe, ou outra foto onde estão extraindo a doença de um bebê.



Ritual de cura a criança Arawete, ano 1976.

RTM E foi a partir do ano de 1976 que você ficou no Brasil definitivamente?

Jacques Jangoux Foi a partir de 1978.

RTM E qual foi a motivação disso?

Jacques Jangoux Eu fui visitar o Museu Paraense Emílio Goeldi, mais especificamente o departamento de botânica, onde me disseram que tinha uma vaga para um botânico. Eu esperava poder fazer trabalho de etnobotânica, mas finalmente fiz trabalho de taxonomia, mas sem muito entusiasmo. Eu também tive um filho, e uma vez que se tem uma criança se tem que ficar numa cidade por causa da educação.

RTM E você continuou trabalhando como fotógrafo?

Jacques Jangoux Sim, mas no tempo em que fiquei trabalhando no Museu, perdi quase todos os clientes que tinha nos Estados Unidos. Então voltei como fotógrafo sem ter mais os clientes antigos, e o mercado tinha mudado também, então agora é uma luta. As agências grandes comeram quase todo o mercado. Agora estou vendendo muito pouco, além dos preços serem ridículos. Nos anos 70 não vendia uma foto por menos de 100 dólares, que, levando em conta a inflação, devem ser uns 600 dólares de hoje. E vendia fotos por 300 ou 500 dólares, uma capa de livro era 1500 dólares. Agora eu vendo fotos por 30 dólares, por 10 dólares, por 0,74 centavos. E agora que as agências trabalham muito com subagências, então a subagência toma 40%, e em teoria o 60% que sobra é dividido igualmente entre a agência e o fotógrafo, mas geralmente a agência pega mais do que os 50% dela, então sobra uns 10% ou 20% para o fotógrafo, e isso com o preço já muito mais baixos do que 20 ou 30 anos atrás, então, não vale mais a pena.

RTM E você continua fotografando?

Jacques Jangoux Não muito. Porque agora estou com alguns problemas de coluna, com artroses, então fica difícil para o tipo de fotografia que eu fazia.

RTM Mas agora você está migrando um pouco para as redes sociais né?

Jacques Jangoux Sim, resolvi intensificar minha participação em Facebook, faz pouco tempo que estou em Instagram, decidi voltar ao LinkedIn, porque antigamente tinha discussões muito interessantes sobre grupos, mas já não tem tantas discussões como antes.

RTM Você teria algum conselho ou alguma dica para dar para os novos fotógrafos, algo que seja essencial para tirar uma boa fotografia?

Jacques Jangoux Na verdade, eu não me considero um fotógrafo, me considero alguém que teria gostado de ser um antropólogo, mas meu pai não quis e depois eu não quis mais estudar. Mas acho que olhar fotos de outros fotógrafos é essencial, olhar Sebastião Salgado, olhar Cartier-Bresson, fotógrafo francês com quem talvez me identifique mais, por ter fotos mais espontâneas e naturais. Além disso, acho fundamental ser você mesmo. E eu particularmente tento fotografar as pessoas dentro do meio ambiente, e tento também não estar presente na foto, não ser intrusivo.

Quando eu fotografo, eu gosto que as pessoas fiquem à vontade, as vezes fico vários dias sem bater fotos até, digamos, fazer parte da paisagem, até que as pessoas se acostumem comigo. Por isso que eu costumava dormir fora para não ficar intrusivo.



Retrato de Jacques Jangoux em campo, dormindo fora da maloca Jotï, ano 1971.

Nos casos em que não tinha como ficar do lado de fora, o jeito que encontrava era o de dar a minha rede ao líder do grupo para que ele pendurasse a minha rede no lugar certo. Porque tem gente que chega e pendura a rede em qualquer lugar e isso pode dar problemas. Mas naquela ocasião em específico, como o comprova uma fotografia na qual apareço, eu preferi ficar do lado de fora. Só um dia no qual choveu eu tive que pegar as minhas coisas e entrar, porque não tinha outro jeito, mas eu achei melhor não me impor, e fotografar as coisas que aconteciam na minha frente. As vezes entrava na casa, mas sem forçar as coisas.

Por outro lado, também tento fotografar, não sei se consigo, fotos universais, que não sejam para consumo da sociedade ocidental. Uma foto que ao ser mostrada para um indígena de qualquer parte do mundo, ele possa gostar da foto também. Não sei se estou conseguindo, mas aparentemente os Jotĩ gostaram das minhas fotos.

* Agradecemos, em primeiro lugar, a Jacques pela confiança de poder compartilhar conosco um pouco da sua vida e das suas viagens, as quais se fundem num mesmo caminho.

Agradecemos também a colaboração de Queise Ramos e Leonard Grala pela ajuda brindada no registro audiovisual da entrevista.

Finalmente, um agradecimento especial a Lídia Lacerda e Davidson Braga por disponibilizar o espaço do Centro MAGIS Amazônia para a realização da entrevista.

TERCEIRA MARGEM

AMAZÔNIA

○ Sistema Agroalimentar na Amazônia: continuidades,
contradições, ação do Estado e desenvolvimento